

# Violências e violações do corpo feminino na novela “Sabela”, de Conceição Evaristo

Juliana Franco Alves-Garbim\* 

## Introdução

A perspectiva analítica da literatura contemporânea afro-brasileira lança mão de múltiplos vieses críticos, dentre eles a abordagem do gênero. A análise versa, tanto do ponto de vista da temática quanto da autoria de obras escritas por mulheres, sobre autoras negras dispostas a contar a respeito de sua ancestralidade, vivências, conquistas, anseios, carências e utopias.

Dentro desse viés de crítica e análise literária, insere-se o trabalho literário de Conceição Evaristo, dona de uma poética combativa em um momento de entraves políticos e culturais que visam silenciar vozes já há muito escamoteadas pelo preconceito de gênero, de raça e de classe social, tempos em que se faz tão difícil sonhar.

Pela brevidade deste artigo, bem como por sua relevância temática em tratar sobre as violências sofridas por afro-brasileiras, optou-se pela análise de “Sabela – Parte I e Parte II”, novela presente na obra “Histórias de leves enganos e parecenças” (EVARISTO, 2017), reunião de contos escritos ao sabor das tradicionais histórias orais passadas entre as gerações por amas de leite e descendentes de mulheres escravizadas. Para tanto, o enfoque analítico recai sobre uma literatura de estética negra e de vertente oral.

Todas as histórias da coletânea seguem um caminho que Evaristo vem traçando na cena literária, isto é, de propagação da cultura negra, contemplando temas significativos para o resgate identitário e a representatividade da tradição afrodiáspórica. Com efeito, figura-se, no bojo de sua escrita, a (re)significação de elementos da tradição oral e da exaltação da figura feminina negra.

Neste trabalho, objetiva-se, a partir do aporte teórico da literatura feminina e de gênero (GONZALEZ, 2020), além dos estudos culturalistas (HALL, 2003; FREYRE, 2003; PRADO JR, 1961) apresentar a análise de trechos da novela “Sabela”, especialmente os excertos que enfocam as violências e violações sobre o corpo feminino exposto por Conceição Evaristo na história que retrata o sofrimento de uma jovem adolescente abusada sexual e psicologicamente pelos padrinhos.

Na esteira desses teóricos e da narrativa que aqui se apresenta, este trabalho objetiva refletir sobre os pontos de intersecção entre literatura afro-brasileira, de gênero, movimentos feministas e lutas sociais que avultam nos contos de tradição ancestral propostos pela estética literária de Evaristo

---

\* Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Assis, São Paulo, Brasil. Pós-doutoranda na Universidade Federal do Tocantins (UFT), *Campus* de Porto Nacional, Palmas, Tocantins, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1152-864X>. E-mail: [juf Franco\\_a@yahoo.com.br](mailto:juf Franco_a@yahoo.com.br)

(2017), observando se eles fomentam a formação humanizadora de leitores comprometidos com a luta por igualdade, além de serem sensíveis com a dor do outro, especialmente sobre as agressões emitidas contra o corpo negro.

### **Mulher negra, sexualização e o histórico de violações corpóreas**

O processo de escravização de corpos negros no Brasil deixou um legado de espoliações não apenas sobre a cultura africana, mas também de violações sobre o corpo de negros que foram retirados de sua terra natal. Para além dos castigos físicos aplicados pelos senhores de terra na tentativa de punir os homens e mulheres negras, os abusos sexuais eram práticas recorrentes no ambiente do Brasil escravocrata, sob o pretexto grotesco de que as mulheres negras eram sensuais e eróticas por natureza, fato que despertava a virilidade de homens brancos, pertencentes à família tradicional brasileira. Sob esse frágil subterfúgio, iniciava-se uma cultura de estupros e violências contra o corpo da mulher negra.

Gilberto Freyre, em *Casa-Grande e Senzala*, explica sobre o sensualismo imputado às africanas:

Muitas mulheres brancas eram consideradas desclassificadas que exploravam as escravas. As vezes negrinhas de dez, doze anos já estavam nas ruas se oferecendo a marinheiros enormes, grangazás, ruivos que desembarcavam dos veleiros ingleses e franceses, com uma fome doida de mulher. E toda essa superexcitação dos gigantes louros, bestiais, descarregava-se sobre molequinhas; e além da superexcitação, a sífilis; as doenças do mundo – das quatro partes do mundo, as podridões internacionais do sangue (FREYRE, 2003, p. 449).

Nos anais da formação cultural e da história da escravidão brasileira, não são raros os relatos de negras violentadas sexualmente pelos seus senhores. Normalmente, essas mulheres engravidavam por meio de estupros e geravam filhos bastardos, ratificando o ciclo de violência contra o sujeito escravizado, pois os filhos que dessas mulheres nasciam eram criados como ilegítimos e indignos de gozar dos mesmos privilégios que aquelas crianças nascidas dentro do casamento do senhor de engenho e sua esposa branca.

Autor que cunhou o conceito da democracia racial brasileira, Freyre (2003) retratou, em sua obra de maior difusão, essa realidade abusiva dos homens sobre as mulheres. Apesar de ser uma obra amplamente questionada por movimentos raciais, Freyre evidenciou a forma como as mulheres escravizadas eram usadas como objeto sexual de seus senhores e que, em decorrência do ciúme e da inveja que provocavam nas sinhás, acabavam por receber castigos desumanos.

Ora, se historicamente foi construído um imaginário nacional que imputa indiscriminadamente à mulher negra uma sensualidade da qual nem sempre ela deseja se valer, se deduz que as violências e violações contra o corpo feminino negro decorrem desse ideário sexista, além da inferiorização de raça e gênero, aliado às desigualdades sociais e econômicas que circundam a população negra em âmbito nacional.

Segundo a visão de Lélia Gonzalez (2020, p. 62),

Vale observar que a expressão popular mencionada anteriormente — ‘Branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar’ — tornou-se uma síntese privilegiada de como a mulher negra é vista na sociedade brasileira: como um corpo que trabalha, e que é superexplorado economicamente, ela é uma faxineira, cozinheira, lavadeira etc. que faz o “trabalho pesado” das famílias de que é empregada; como um corpo que gera prazer e que é superexplorado sexualmente, ela é a mulata dos desfiles de Carnaval para turistas, de filmes pornográficos etc., cuja sensualidade é incluída na categoria do ‘erótico-exótico’. Dessa forma, não é difícil perceber que as afirmações contidas na mensagem do governo brasileiro na conferência de Paris parecem falsas não apenas para nós, afro-brasileiros atuantes no movimento negro, mas também para africanos que chegam a nosso país. Eles descobrem que a “africanidade” brasileira, como a chamada “democracia racial” realçada no discurso oficial brasileiro dirigido especialmente à África, nada mais é, como dizemos entre nós, do que ‘folclore’.

González, crítica ferrenha do famigerado mito da democracia racial instalado por Freyre no Brasil, continua com a análise sobre a sexualização da negra no Brasil, quando assevera:

Como acontece com todos os mitos, o da democracia racial oculta mais do que revela, especialmente no que diz respeito à violência simbólica contra as mulheres afro-brasileiras. Segundo Sahlins, é devido à conexão com o sistema simbólico que o lugar da mulher negra em nossa sociedade como um lugar de inferioridade e pobreza é codificado em uma perspectiva étnica e racial. Essa mesma lógica simbólica determina a inclusão da mulata na categoria de *objeto sexual*. Assim, não é coincidência que Ilma Fátima de Jesus e O. Oluwafemi Ogunbiyi nos contem que historicamente “o ato sexual entre o homem branco e a mulher negra não é encarado como sexo normal; essa é a razão da palavra ‘trepar’ (copular, transar), que qualifica o coito como um *ato animal*. Supomos que o termo ‘mulata’ tem sua origem na grotesca visão do sistema dominante na sociedade”. Além disso, sabemos que a palavra “mulata” vem de *mula* — *animal híbrido*, produto do acasalamento de um jumento (macho ou fêmea) e um cavalo ou égua. Quando se analisa a presença da mulata na literatura brasileira e na música popular, sua aparência física, suas qualidades eróticas e exóticas é que são exaltadas. Essa é a razão pela qual ela nunca é uma *musa*, que é uma categoria da cultura. No máximo — como alguém já disse — ela pode ser uma *fruta a ser degustada*, mas de todo modo é uma prisioneira permanente da natureza. (GONZÁLEZ, 2020, p. 151).

Dentro dessa linha de raciocínio, o pesquisador Caio Prado Junior corrobora a noção defendida por González sobre a espoliação do corpo negro durante os séculos de dominação colonialista e que perdura até os dias atuais:

A outra função do escravo, ou antes da escrava, instrumento de satisfação das necessidades sexuais de seus senhores e dominadores, não tem um efeito menos elementar. Não ultrapassará também o nível primário e puramente animal do contacto sexual, não se aproximando senão muito remotamente da esfera propriamente humana do amor, em que o ato sexual se envolve com todo um complexo de emoções e sentimentos tão amplos que chegam até a fazer passar para o segundo plano aquele ato que afinal lhe deu origem” (PRADO JR., 1961, p. 342).

Nesse contexto, a cultura do estupro contra as meninas e mulheres negras se naturalizou no país. Seguindo o raciocínio exposto por Freyre (2003, p. 443) de que as relações entre o homem branco com a mulher negra sempre se deram de maneira violenta, muitas vezes, até mais agressiva do que com as índias, que se viam protegidas pelos padres Jesuítas. Conforme o autor de *Casa-Grande e Senzala*, após a inserção das africanas nos cais do país, nunca houve condição de vida que favorecesse essa estrangeira, que, dentre uma das muitas perdas que sofreu ao deixar a África-mãe, teve seu corpo vilipendiado pelos braços colonialistas europeus, de tal forma que, ao longo de séculos “[...] as relações entre colonos e mulheres africanas foram as de franca lubricidade animal. Pura descarga de sentidos”. (FREYRE, 2003, p. 443).

Nessa senda, o enredo descrito por Evaristo, rememora séculos de exploração sexual às mulheres africanas que foram trazidas pela diáspora negra. Dentro do contexto escravagista e colonial, os abusos sexuais às africanas eram uma prática recorrente que acabou incrustada no imaginário popular, com a perigosa falácia de que a mulher negra é, por natureza, mais libidinosa do que as mulheres brancas e suporta todo tipo de fantasia, castigo e infâmia sexual.

Esse pretexto abriu caminho para que muitos estupros fossem forjados sob o inescrupuloso véu patriarcal e sexista de que os homens precisavam suprir suas necessidades sexuais orgânicas com mulheres que fossem boas de cama, haja vista que as europeias eram tidas apenas para a reprodução no casamento, ou ainda, para a representação da família tradicional, representante dos costumes cristãos.

### **A cultura do estupro e das violências retratadas por Conceição Evaristo**

Sob a perspectiva da narração da Sabela filha, na primeira parte da novela, há a descrição da violência sexual cometida contra a menina Irisverde, afilhada de Sabela mãe:

Muitos se perderam, mas muitos se encontraram na e pelas águas. Irisverde foi uma das que se salvou. [...] Levantou de sua fragilidade e erguer-se gloriosa, toda vestida de lama. [...] Íris, a mulher que surgiu da lama para salvar os outros, há havia empreendido várias andanças buscando salvar-se a si própria. Este era um exercício que ela praticava desde criança. [...] Quando Sabela conheceu Íris, menina ainda, a pequena estava por volta de seus doze anos. Tinha acabado de perder os pais com uma doença, que lhes foi comendo tudo por dentro, um e outro. [...] A menina foi acolhida por Sabela, até o dia em que seus padrinhos apareceram para buscá-la. [...] O coração de Sabela estreitou-se como em sinal de dor. [...] Meses depois, um dia bem cedinho, na madrugada, Irisverde reapareceu. [...] Durante dias e dias, Irisverde, variando sob o efeito de uma febre, da qual ela padecia, gritava para que o padrinho não se aproximasse dela e para que a madrinha a soltasse. [...] Mamãe sabia que Irisverde jamais esqueceria aquela dor. A madrinha, desde o dia em que chegaram em casa, todas as noites, segurava Irisverde, enquanto o padrinho abria-lhe as pernas e à força descia brutal e gozoso pelo corpo frágil e limpo da verde menina. (EVARISTO, 2017, p. 75-78).

Ao lançar mão de suas memórias de infância e narrar sobre o poder das águas na reconstrução de sua comunidade de origem, através da ótica de cada pessoa que conviveu, a personagem Sabela

descreve o abuso sexual sofrido por Irisverde. Assim, nesse trecho, a narradora lança luz sob aspectos importantes do debate sobre os corpos femininos negros e a relação de domínio e exploração que o europeu estabeleceu sobre eles. Historicamente hipersexualizadas pela ótica do patriarcado, vendidas no mercado escravagista do Brasil Colônia como objeto dos senhores, as mulheres negras escravizadas eram subjugadas ao papel de saciadoras do apetite sexual de seus compradores brancos, como afirma Gilberto Freyre, na obra *Casa-Grande e Senzala*:

Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”; ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata. Aliás o nosso lirismo amoroso não revela outra tendência senão a glorificação da mulata, da cabocla, da morena celebrada pela beleza dos seus olhos, pela alvura dos seus dentes, pelos seus dengues, quindins e embelegos muito mais do que as ‘virgens pálidas’ e as ‘louras donzelas’. (FREYRE, 2003, p. 84).

No contexto acima retratado, a dor latente emanada por Irisverde revela uma adolescente brutalmente estuprada pelos padrinhos de batismo. Ao ser acolhida pela vizinha Sabela após perder os pais para uma doença devastadora, Irisverde é levada da casa de Sabela pelo casal que deveria zelar por sua proteção, conforme preconiza a fé católica.

O relato de Sabela, colhido após o regresso de Irisverde é de que a menina sofria constantes abusos do padrinho com o auxílio e a participação inescrupulosa da madrinha. Infelizmente, os adultos que, conforme os preceitos católicos, deveriam protegê-la de perigos na ausência dos pais biológicos, se tornaram seus algozes. Toda essa cena que remete à precípua noção de que as meninas negras podem suportar qualquer tipo de dor e servem para satisfação sexual dos homens mais velhos. O trecho em que a narradora descreve a cena do estupro, além do caráter denunciativo, tenta ilustrar, por meio do sofrimento de Irisverde, a dor que essa tradição de abusos morais, sexuais e emocionais causam a quem os sofrem.

Notadamente, a trama leva o leitor a crer que, em algum momento, depois de alguns meses de abusos e dores, a adolescente consegue fugir do jugo de seus cuidadores e voltar para a casa da mulher por quem se sentia realmente protegida, dona Sabela. Sob o teto da vizinha, Irisverde se encontrava em uma espécie de estado traumático, absorta por todas as violências que sofreu durante o tempo em que ficou com os padrinhos.

Já na Parte II da novela “Sabela”, os fatos são narrados e descritos pela perspectiva das personagens que Sabela filha havia elencado na primeira parte. Assim, não é mais Sabela quem conta, mas a própria Irisverde toma a palavra no enredo. Essa técnica confere ainda mais um cunho testemunhal e memorialístico à trama:

Tão guardada fico em mim, que do próprio som da minha voz esqueço. [...] Desde muito guardo a queimação em mim. Da minha queimação pouco falo. Pouco sei. Mas da chuva, benéfica torrente, águas a abrandar a minha dor eterna, a que carrego entre as coxas, dessas

águas, eu, Irisverde, menina-machucada, sei. Para falar da chuva, falo da dor do antes. [...] Primeiro papai todo esburacado pela doença, depois mamãe se esburacando também. [...] Foi então que nossa vizinha Sabela foi me buscar. Eu, menina, vazia dos meus, não podia ter encontrado melhor ninho. [...] Um dia, não muito tempo depois, surgiu uma madrinha e um padrinho, parentes próximos de papai e de mamãe, não sei, e me levaram. [...] Fui jogada na cama, meus braços presos pelas mãos da moça e só me lembro do moço em cima de mim. Parti. Doe. Senti todos os buracos de mim, dias e dias. Tudo doía e os dois sempre de novo. A moça, meus braços presos, o moço cavacando todos os meus buracos. Na frente, atrás, na boca. [...] Perdi a origem dos meus risos, que já eram parcos. Tudo só buraco, só vai. Dos buracos de meu corpo, frente e verso, só guardo nojo. Da boca também. Pouco falo. Sinto o meu hálito contaminado. Eu pedia a Sabela que me banhasse com flores. Comia e bebia também os perfumes da natureza. Nada adiantou. Só no dia da grande chuva, meu corpo perdeu o odor e sabor dos dois que violentamente me tocaram. (EVARISTO, 2017, p. 92-93).

Agora sob a ótica da menina violentada, a narração revela detalhes ainda mais sórdidos dos momentos de abuso sexual sofridos por Irisverde. A dor, relatada como uma queimação que apenas ela sentia, não a permitia sequer falar, e o silêncio se tornou um hábito que tomou a jovem depois que regressou do cativeiro. Para além disso, outras agonias assombravam a mente da protagonista, tal como a perda precoce dos genitores, aflição que também emudecera a adolescente.

O poder e a beleza das águas da grande chuva funcionaram como bálsamo para curar as feridas de Irisverde: “E foi só no dia da grande chuva que confiança tive para me aproximar de alguém” (EVARISTO, 2017, p. 93), gatilho para que ela conseguisse abordar os traumas sofridos até aquele momento e que estavam em estado de ebulição, junto com o poder das enchentes. Notadamente, a fúria das águas que levava tudo o que via pela frente, era como a fúria da queimação interna sentida por Irisverde. Somente nesse momento ela foi capaz de falar, pois a força das correntezas promoveu na menina a limpeza sobre aquilo que tanto a massacrava, como continua a narrativa: “Só depois que o despencamento das águas entrou em minha boca, circulou em minhas entranhas, entupiu todos os meus buracos, só então fiquei livre da lembrança dos corpos dos dois sobre mim”. (EVARISTO, 2017, p. 93). Pelo contexto do enredo, a menina sentia-se suja, isto é, culpada pela situação dolorosa que lhe ocorrera, fato que pode acometer mulheres e meninas que vivem a mesma situação.

Nota-se que o relato memorialístico sobre os fatos imprime toda dor e o sofrimento impregnado na personagem durante os dias de doença dos pais, desde o impacto pela morte do pai e depois da mãe, seguido pelo choque dos estupros que sofria na casa dos padrinhos. Obviamente, tamanha dor ilustrada no diálogo de Irisverde ratifica o impacto físico, psíquico e emocional que as violências e violações sobre o corpo podem acarretar à vida da mulher negra.

Na história de “Sabela”, o grotesco e abominável ato do estupro sofrido por uma menina negra ganha contornos ficcionais e estéticos, uma estética da dor, sobretudo quando se retrata a dor vinda de uma jovem recém-saída da infância, como é o caso de Irisverde. Evaristo emprega aspectos do poético em um ato de violência extrema quando, ao caminhar para o fim do conto, narra: “Debaixo das chuvas, eu me sentia limpa e igual a todos. Com uma incontida alegria, abracei, enrosquei, arrastei muitos. [...] No dilúvio a minha salvação, a minha purificação”. (EVARISTO, 2017, p. 93-94).

## Considerações finais

Para além das violências simbólicas, de gênero, de corpo e da alma, há ainda a violência epistêmica. O abuso sobre o corpo negro infantil é, sem dúvida, herança espúria do Brasil escravagista, colonialista e patriarcal. Aqui a misoginia entra em estado de latência e corrobora o apagamento histórico e social que os corpos negros, especialmente os das mulheres negras, sofreram com o ideário falseado de que as mulheres escravizadas poderiam ser submetidas a todo o tipo de agruras em prol da satisfação masculina.

O consolo é que, embora subjugadas pelo regime escravagista e sexista, as mulheres negras do contemporâneo começam a se enxergar como mulheres dignas de respeito e direitos igualitários a qualquer ente social. É fato que a luta dos movimentos sociais, de raça e gênero têm auxiliado e muito na construção dessa batalha, mas neste momento, muitas mulheres, não todas, mas, pelo menos, mais do que antes, sabem do lugar que ocupam na pirâmide social. Outras começam a ganhar consciência, seja pelas comunidades de base, seja pela educação, pelas (poucas) políticas públicas que conferem empoderamento feminino e racial, além do poder emanado por autores, autoras e artistas dispostos a mudar conceitos enraizados por meio de sua arte, tal qual faz Conceição Evaristo e muitas outras autoras de literatura afro-feminina.

## Referências

- EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48. ed. rev. São Paulo: Global, 2003.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo, Brasiliense, 1961.

Recebido em 17 de junho de 2023.

Aprovado em 27 de outubro de 2024.

## Resumo/Abstract

### Violências e violações do corpo feminino na novela “Sabela”, de Conceição Evaristo

**Juliana Franco Alves-Garbim**

O presente trabalho tem como enfoque a construção literária de Conceição Evaristo pelo olhar da cultura afro-feminina, além do caráter denunciativo sobre as violências corporais e psicoemocionais decorrentes das agressões impostas às mulheres negras pelo sexismo do patriarcado. A intenção

é subverter o olhar do leitor para enxergar a história das mulheres negras no Brasil sob uma ótica matrifocal, como chama a atenção a novela “Sabela”, presente em *Histórias de leves enganos e parecenças* (EVARISTO, 2017). Para tanto, almeja-se refletir sobre a importância do papel das mulheres na sociedade brasileira e a relação com o corpo negro, que avultam nos contos de temática afrocentrada. Na análise, as bases epistemológicas contam com teóricos como Stuart Hall (2003), Lélia González (2020), dentre outros pesquisadores da temática afro-brasileira e culturalista. Os procedimentos metodológicos acionados consistem em uma análise qualitativa da novela circunscrita ao universo axiológico de Conceição Evaristo, com vias a identificar traços que evidenciam as violências simbólicas, materiais e corporais até hoje sustentadas pela cultura branca e hegemônica sobre o corpo da mulher negra. Aqui, constrói-se a hipótese de que a discussão sobre a temática fomenta o combate ao sexismo racial, ao mesmo tempo que amplia a visibilidade e a promoção da igualdade de gênero e cultural. Nesse contexto, as contribuições da pesquisa apontam para o aspecto positivo de (re)construção e fortalecimento da cultura afro-feminina, no que concerne à diversidade estético-literária e social.

**Palavras-chave:** violências, feminino, literatura afro-brasileira, Conceição Evaristo.

### **Violence and violations of the feminine body in Conceição Evaristo’s novel *Sabela***

**Juliana Franco Alves-Garbim**

The present work focuses on the literary construction of Conceição Evaristo through the look of Afro-feminine culture, as well as the denunciative character about the corporal and psycho-emotional violence resulting from the aggressions imposed on black women by the sexism of patriarchy. The intention is to subvert the reader’s gaze to see the history of black women in Brazil from a matrifocal perspective, as the novel *Sabela* draws attention, present in *Histórias de leves enganos e parecenças* (EVARISTO, 2017). To this end, we aim to reflect on the importance of the role of women in Brazilian society and the relationship with the black body, which stand out in the tales of the Afrocentric theme. In the analysis, the epistemological bases have theorists such as Stuart Hall (2003), Lélia González (2020), among other researchers of the Afro-Brazilian and culturalist theme. The methodological procedures involved consist of a qualitative analysis of the novel circumscribed to the axiological universe of Conceição Evaristo, with ways to identify traces that highlight symbolic violence, material and bodily to this day sustained by the white and hegemonic culture on the black woman’s body. Here, we construct the hypothesis that the discussion on the theme promotes the fight against racial sexism while at the same time increasing the visibility and promotion of gender and cultural equality. In this context, the contributions of the research point to the positive aspect of (re)construction and strengthening of the Afro-female culture regarding aesthetic-literary and social diversity.

**Keywords:** violence, feminine, Afro-Brazilian literature, Conceição Evaristo.